

MEDIAÇÃO FAMILIAR EM PROCESSO NA CONSTITUIÇÃO DE JOVENS

Edna Mendonça Oliveira de **Queiroz** – UFG

Na sociedade moderna, a primeira instância de mediação do processo de socialização é a família, pois ela constitui o *locus* da afetividade e da privacidade, espaço social no qual, por meio das experiências de natureza emocional, se forma a estrutura psíquica. No entanto, as transformações operadas na sociedade têm afetado sobremaneira os processos socializadores de crianças e jovens, provocando certo arrefecimento do vigor das instâncias socializadoras tradicionais, em especial, a família e a escola. Como uma instância social e histórica, pergunta-se atualmente como a família, como mediadora da socialização dos indivíduos, se transforma e quais são as suas implicações na constituição do indivíduo e da sociedade. Mais precisamente, procura-se desvendar as relações entre o jovem e a família, com o propósito de investigar, mais detidamente, as mediações que produzem as referências orientadoras das formas de agir e pensar do jovem.

Alguns estudos recentes defendem que a família, em particular, foi destituída de sua condição de *locus* fundamental de mediação da sociabilidade. Ainda que se perceba certo arrefecimento da mediação socializadora da família, investigações realizadas nos últimos anos, no Brasil e no exterior, reconhecem a prevalência da instância familiar¹. Os resultados dessas pesquisas permitem afirmar que a família, de algum modo, ainda permanece como referência importante na socialização dos jovens, o que instiga a compreensão do modo como, nos dias atuais, esse processo se produz.

Outros estudos indicam que os jovens e suas famílias, de diferentes classes sociais, consideram a escola importante meio de ascensão social.² Mostram ainda que as condições sócio-econômicas e culturais são determinantes do modo como os pais educam seus filhos, em especial, no momento de inserção dos filhos jovens no mundo do trabalho. Quando possível, a família posterga esse momento, mobilizando-se para garantir ao jovem uma melhor preparação que lhe permita se inserir no competitivo mercado profissional com melhores chances. Nesse contexto, fica evidente que apenas os jovens oriundos de famílias com condição econômica privilegiada vivem o período de transição como

¹ Ver Instituto Cidadania (1999; 2003); Canezin Guimarães *et al.* (2003); Chaves e Queiroz (2001); The Pew Research Center for the People & The Press (2006); Pais; Cairns e Pappámikail (2005).

² Ver Romanelli (1986; 1995); Sposito (1989); Nogueira; Romanelli e Zago (2003); Queiroz (2001).

moratória ou preparação para a vida adulta, e cada vez é mais comum o prolongamento desse período e a dependência postergada da família³.

No entanto, uma parcela reduzida de jovens que não podem contar com altos investimentos financeiros das famílias perseguem com afincos uma formação profissional que lhes possibilite, dentre outros objetivos, a ascensão social que seus pais não alcançaram. Muitos realizam seus estudos na escola pública e, com enfrentamentos diversos, conseguem obter êxito em vestibulares concorridos.

Este texto discute, por meio de análise dos relatos dos jovens obtidos nas entrevistas semiestruturadas, as mediações familiares de cinco jovens que lograram sucesso nos processos seletivos dos dois cursos de graduação de maior concorrência da Universidade Federal de Goiás (UFG), Medicina e Direito. Esses cursos agregam prestígio e valor simbólico pela tradição e são os mais concorridos nos processos seletivos dessa universidade.

1 Mediação familiar e constituição do sujeito: algumas reflexões

A família mantém-se, ainda, como um espaço privilegiado que se contrapõe à lógica instrumentalizada da sociedade, a ponto de se poder questionar a razão de sua permanência na ordem social. Submetida à dinâmica contraditória da sociedade, a tensão constitutiva da família exprime-se pela tendência de negar, ou minimizar, o elemento irracional distintivo do grupo familiar. No entanto, as mudanças operadas nos grupos familiares, em especial na segunda metade do século XX, não puderam suprimir das suas relações as formas de convivência diferenciadas da esfera pública, constituindo, a família, ainda, um espaço com alguma reserva de privacidade e afetividade (ADORNO; HORKHEIMER, 1973).

O espaço familiar, por consistir em um local distinto da vida pública, por certo tornou-se um espaço privilegiado. E, ainda que a base material para a autoridade paterna tenha sido debilitada por conta dos vários processos econômicos e sociais – por exemplo, a emancipação feminina que permitiu às mulheres ocuparem um espaço profissional significativo no mercado –, a estrutura familiar se manteve diferenciada.

A família consolida-se pelo afeto e pela possibilidade de expressão humana dos sentimentos, o que lhe permite instituir valores distintos aos da racionalidade técnica do mercado. Ao empreender relações fundamentadas na participação, mediante processos que

³ Ver Nogueira (2000); Freitas (2005); Pochmann (2004); Sposito (2005); Frigotto (2004); Fonseca (2007).

conduzem à estruturação psíquica da consciência coletiva, à família abre-se à possibilidade do reconhecimento no outro, constituindo-se, conseqüentemente, em um possível espaço de resistência social (HORKHEIMER, 1990). Nessa perspectiva, os processos de socialização no interior da família podem mostrar-se vigorosos, em contraposição às posições teóricas de pesquisadores que assinalam o seu arrefecimento.

Para Lasch (1991), a família é, dentre todas as instituições, a que mais resiste às mudanças. A chamada revolução sexual, o movimento feminista, o declínio da autoridade parental, que muitas vezes são apresentados como fatos dos últimos cinquenta anos, ocorrem, segundo esse autor, na verdade, desde o final do século XIX, e têm afetado fortemente a família. Esses processos expressam as transformações sucedidas no âmbito do desenvolvimento do modo de produção da vida no capitalismo moderno. Pode-se dizer que o controle social obtido mediante o uso dos procedimentos da *administração científica* estendeu-se à vida familiar dos trabalhadores (LASCH, 1983). Nesse processo, os *serviços de saúde e do bem-estar* e os agentes educacionais assumiram muitas funções socializadoras anteriormente atribuídas à família e especialistas, sobretudo médicos, professores, assistentes sociais, dentre outros, passaram a supervisionar a educação das crianças. A socialização das técnicas de criação dos filhos alterou a relação interna da família, criando um ideal de paternidade perfeita e minando a segurança dos pais em relação à sua capacidade para orientar sua prole.

Também as inovações que se desenvolveram no campo científico, como o planejamento familiar, a procriação médica assistida, a filiação substitutiva, a clonagem reprodutiva e outros processos de fertilização, conforme afirma Roudinesco (2003), provocaram mudanças que alteraram as bases da vida familiar. Assim, uma multiplicidade de formatos emergiu – *co-parentais, biparentais, multiparentais, monoparentais* – e não se pode mais dizer que a família nuclear predomina de forma absoluta.

Ainda que o desconcerto na família se manifeste de forma inédita e seja alardeado pelos meios de comunicação de massa, Roudinesco (2003) assim como Lasch (1983) asseveram que essas *desordens* não são novas. As famílias sempre buscaram encontrar formas de enfrentamento das condições impostas pela sociedade. Por mais que causem estranhamento, afirma Roudinesco (2003, p. 198), as condições adversas “não impedem que a família seja atualmente reivindicada como o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar. Ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições”.

Não se trata de negar que estão ocorrendo mudanças no âmbito da família. Consta-se, porém, que não são processos restritos à esfera familiar. Como todas as outras instâncias sociais, a família é afetada pela dinâmica social, e ainda que pareça anacrônica, tem se modificado exaustivamente. Não se pode, também, desconsiderar a sua relevância na formação dos indivíduos, em particular, a sua atribuição na estruturação do psiquismo, pois, das primeiras relações da criança com os pais, com o controle dos instintos pulsionais, decorre a organização das instâncias psíquicas (FREUD, 1999).

Esse processo, que não se completa na infância, na adolescência e na juventude, constitui fator fundamental do seu desenvolvimento. O jovem encontra-se em um momento particular da vida, em que a apreensão das contradições entre valores que lhe foram inculcados e o comportamento daqueles que os inculcaram produz certo antagonismo. Assim, as condições determinadas nas quais vive a juventude, em particular na sociedade capitalista, permite-lhe, em maior ou menor grau, experienciar inconsistências que acabam por provocar conflitos que se manifestam mesmo na própria família. Tratados com base em um processo contínuo de socialização e que tem os mecanismos de controle e mobilidade social como parâmetros orientadores, esses conflitos, ainda que revelem as incoerências da condição humana na contemporaneidade, acabam subsumidos à integração do indivíduo.

2 Mediações familiares dos jovens

2.1 “*Meus pais dão muito valor ao estudo...*”

Paulo é um jovem de 21 anos, aluno do curso de Medicina. É o filho mais velho da família, composta por pai, mãe e um irmão. Seus pais trabalham regularmente para o sustento da casa, em atividades de nível médio. O pai atua na área administrativo-financeira, e a mãe é secretária. Residem em uma casa simples, própria, em um bairro residencial de classe média de Goiânia (GO), e a renda média da família não ultrapassa oito salários mínimos.

Paulo revela que sua família enfrentou grandes dificuldades financeiras. Seus pais decidiram casar-se muito jovens, por causa de uma gravidez inesperada. Sua mãe estudou até o ensino médio e seu pai, depois de casado, fez um curso superior e está concluindo outro em uma faculdade particular. Tudo foi realizado, segundo Paulo, com muita dificuldade e com um grande empenho dos seus pais, que dão grande importância aos

estudos. Paulo afirma enfaticamente: “*meus pais dão muito valor ao estudo e sempre me apoiaram*”.

Paulo explica que os seus primeiros anos de estudo foram realizados em escola particular. No entanto, na sétima série seus pais o inscreveram para a seleção em uma escola pública, e ele foi aprovado. Não pensavam, ele argumenta, que o ensino teria uma qualidade inferior, e Paulo comenta que até a oitava série realmente não tenha sido. Mas, no ensino médio, percebia que tinha muita facilidade na escola, ao passo que a situação de outros amigos que estudavam em escolas particulares era diferente. As condições da escola que frequentava, ainda que diferenciada como melhor do que a maioria das escolas públicas, não possibilitaram uma apropriação dos conteúdos exigidos para enfrentar um vestibular competitivo, como do curso de Medicina. Persistente em seu objetivo, Paulo buscou complementar a sua formação com um curso preparatório.

Iniciou o curso preparatório no final do terceiro ano do ensino médio, à noite. Como havia passado na primeira fase do vestibular, o cursinho concedeu-lhe uma bolsa de estudos para o ano seguinte, pela manhã. Durante esse período, Paulo teve de trabalhar. Integrou, por um ano e meio, o programa *Jovem Aprendiz* em uma organização não-governamental de Goiânia, que oferece atividades para jovens de baixa renda. No início de 2006, após mais um insucesso no vestibular, o pai de Paulo pediu-lhe que fizesse um concurso público estadual. Tendo passado no concurso, começou a trabalhar no final do ano de 2006, mas quinze dias depois ficou sabendo da sua aprovação para o curso de Medicina em uma universidade federal na capital de outro estado e deixou o emprego. Foram mais dois anos de curso preparatório e cerca de dez vestibulares tentados em várias universidades do país. Ficou por um ano em outro estado, mas com a firme intenção de retornar a Goiânia. Para Paulo, o seu lugar era nessa cidade: “*Nunca quis me distanciar da minha família, tanto é que me esforcei pra voltar...*”.

Fica evidente a persistência do jovem em relação ao objetivo traçado. O número de vestibulares a que Paulo se submeteu demonstra a prática do *treineiro* que se propõe a conhecer e exercitar a realização das provas, a fim de melhor se preparar para o exame. Paulo acredita que o estado emocional conta muito no momento do vestibular. Quando ele estava mais tranquilo, mesmo não tendo muita segurança do conteúdo, o resultado era muito melhor, como naquele último, no qual também foi aprovado. Ele estava muito calmo, pois já havia garantido o seu lugar em outra universidade e, se acaso não fosse aprovado, não seria tão ruim.

O relato de Paulo é esclarecedor dos motivos que o levaram a buscar a formação em Medicina. A insegurança financeira da família, que afetou sua trajetória de vida, assumiu vigor no momento da decisão profissional. Como *porta-voz* da família, Paulo não quis pôr em risco o seu futuro, por isso fez opção por uma formação que, acredita, lhe irá assegurar uma melhor condição social e financeira. Tem confiança que esse objetivo será alcançado por meio da formação escolar.

A trajetória de Paulo permite identificar o prolongamento do período da juventude na sociedade contemporânea, pois o projeto familiar esteve voltado à sua formação escolar. Iniciando o seu curso aos 21 anos, sua formação médica somente estará finalizada quando estiver próximo dos 30 anos de idade, o que implica a dependência familiar por mais anos. Ainda que reconhecida como necessária, essa condição não é vivida de forma tranquila pelo jovem, que se sente angustiado com sua dependência, por não poder retribuir aos pais o que eles fazem por ele.

Sem trabalhar atualmente, Paulo não gosta da situação, mas não tem outra opção senão resignar-se. Pretende, ainda, encontrar alguma atividade remunerada que não prejudique os seus estudos. Como isso ainda não foi possível, ele manifesta o seu incômodo: *“Eu não trabalho, então o dinheiro que eu gasto é dos meus pais.(...) Eu fico extremamente frustrado com isso, porque eu já me sinto velho, eu me sinto numa dependência que eu não gostaria de ter”*. O relato de Paulo elucida o conflito vivido pelo jovem em face do desejo de emancipação familiar. Mesmo que seguro de sua decisão, Paulo revela insatisfação pela situação de dependência vivida.

2.2 “Minha mãe sempre me apoiou, era meu sonho...”

Mara é aluna do curso de Medicina e tem 23 anos de idade. Está noiva e mora com sua mãe e o irmão, em casa própria, em um bairro periférico de Goiânia. Seu pai é falecido. A mãe de Mara é funcionária pública de nível técnico na área da saúde. Além disso, cuida de um estabelecimento comercial que pertencia ao marido. Apenas a mãe recebe rendimentos em sua casa, cerca de oito a dez salários mínimos.

O falecimento do pai de Mara marcou muito a sua vida. Após cinco anos, com acentuada debilidade física por causa de uma parada cardíaca, o pai de Mara faleceu. Ela contava, então, 16 anos de idade. Passou por grandes dificuldades na adolescência, com a doença do pai e, depois, com a sua morte. As lembranças da infância são de uma família muito unida, que ia à missa aos domingos. A figura do pai ainda significa, para Mara,

conforme relata, o sentimento de unidade familiar. Ela afirma: *“A perda do meu pai desuniu a família...”*. Sua relação com a mãe, no entanto, é muito positiva, pois percebe a mãe como um modelo, uma mulher que se esforçou muito para cuidar dos filhos, oferecendo-lhes, e a ela, em especial, o apoio necessário, afetivo e econômico, para atingir seus objetivos.

Em relação à vida escolar, Mara conta que, desde o início, sempre gostou de estudar. Cursou o ensino fundamental, desde o pré-escolar até a oitava série, em escola adventista. Ela relata: *Nunca tive dificuldade não, foi bem tranquilo na escola... costumava estudar, tirava boas notas. Nunca precisei da mãe ir na escola, nunca tive esse tipo de problema não.[...] Nunca tive a possibilidade de ficar com nota vermelha.*

Com a doença do pai, Mara teve que cursar o ensino médio em escola pública. Terminado o ensino médio, Mara sequer prestou vestibular, matriculando-se em um cursinho preparatório. Tinha segurança de que queria cursar Medicina e contava com total apoio da mãe. Afirma: *“Minha mãe, ela não é médica, mas é da área de saúde. Eu sempre vi minha mãe trabalhar e era meu sonho assim, eu sempre tive vontade. Desde criança eu quis ser médica. [...] Minha mãe sempre me apoiou, era meu sonho, tanto que do mesmo jeito que é meu, é pra ela.”* Com esse projeto, Mara iniciou um percurso de cinco anos de preparação em curso pré-vestibular.

Foram cinco anos de dificuldade, sempre estudando e não obtendo o resultado esperado, e ainda dependendo de bolsa de estudo, Mara mostrou, contudo, uma enorme persistência. Conta que teve de enfrentar momentos complicados: *“Eu precisei tomar remédio, eu entrei muito em questionamento, será que é isso mesmo, até por eu sempre tive boas notas, assim, sabe, eu ficava me pressionando, o que tem de errado, será que eu sou mesmo inteligente, sabe, esses questionamentos...”* Mara prestou vestibular seis vezes, sempre em Goiânia, pois não queria afastar-se da mãe.

A respeito de sua mãe, diz: *“No meu caso, para mim, significa tudo.”* Declara que a família *“é a base, é uma forma de apoio, emocionalmente falando, financeiramente falando.”* Mara refere-se à sua mãe com carinho e gratidão e busca atender, no que pode, às expectativas da mãe. A família de Mara, representada, sobretudo, pela figura materna, exerceu a função de garantir os vínculos afetivos que possibilitaram o espaço diferenciado no qual Mara obteve apoio emocional e financeiro. O processo de socialização familiar de Mara foi marcado pela perda do pai e por um luto prolongado, considerando o tempo em

que ele esteve incapacitado. Ainda que enfrentando dificuldades extremas, a mãe de Mara persistiu, tornando-se uma referência importante para a filha.

2.3 “*Um lugar bom, família é um lugar bom...*”

André é um jovem falante, alegre, tem 22 anos e, também, aluno do curso de Medicina. Mora com sua família, em casa própria, em um bairro da periferia de Goiânia. Seus pais estudaram apenas até o ensino médio. Seu pai é funcionário público estadual, e sua mãe não trabalha fora, confecciona roupas em casa.

André não sabe dizer qual o rendimento mensal da família. Relata que seus pais são muito *fechados* e que foi educado com muito rigor. Mantém boa relação com sua mãe; no entanto, com o pai, tem dificuldades no relacionamento. Quando criança, diz que era muito diferente. Costumavam viajar em família, ir para a casa dos avós na cidade onde nasceu, o que tem como boa lembrança de sua infância. As condições econômicas, segundo o relato de André, foram determinantes das relações familiares, pois a situação ficou muito diferente depois que se tornou adolescente.

André cursou todo o ensino fundamental em um colégio público estadual. Era sempre o mais novo da turma e nunca teve problemas em relação às notas ou aos professores. Apesar de ter boas lembranças das brincadeiras na escola quando criança, destaca os problemas da instituição e declara que “*a escola pública precisa muito de ajuda*”. Ele afirma: “*Eu acho que meus pais contaram muito nessa hora*”.

Sua ida para a escola pública do ensino médio, com apenas 13 anos, seguiu a trajetória dos irmãos. Afirma: “*Na época meu irmão [mais velho] entrou lá. Prestou a seleção, entrou, meu outro irmão prestou entrou, eu prestei e entrei. Eu fui o mais novo seguindo o mesmo caminho, já era destinado (...)*.” Nessa escola, André encontrou tudo de bom que esperava: “*Lá eu conheci muita gente, lá eu aprendi a não precisar muito do professor pra nada, lá eu convivi muito pro esporte, eu joguei muito vôlei [...]. Tem muita história lá dentro pra contar, pra rir, meus amigos todos são de lá, os amigos que eu falo, são meus amigos, não os meus colegas...*”

A forma como André refere-se à escola deixa transparecer até mesmo certa emoção, como se, de fato, aquele tempo tivesse marcado sua vida. Para André, a maior contribuição para sua vida foi a autonomia que desenvolveu para o estudo, e que isso é evidente até mesmo na universidade, ao passo que os colegas provenientes de escolas particulares têm dificuldades para desenvolver suas atividades individualmente. Ele diz: “*A*

experiência que eu tenho na faculdade eu já tinha no ensino médio, a liberdade, a responsabilidade, a individualidade, a independência que você tem que ter em todas as matérias, tudo isso, inclusive, eu já tinha desde o primeiro ano.” André é representante da sala, o que o deixa satisfeito por ter que se relacionar com todos, incluindo professores, o que o diferencia dos outros alunos, de algum modo.

A decisão de André de fazer Medicina foi difícil. Após o ensino médio, prestou vestibular para o curso de Telecomunicações. Cursou um ano e, não satisfeito, decidiu fazer vestibular para Redes. Cursou outro ano, e também não gostou. Decidiu-se então por Medicina. Perguntado sobre o motivo, responde: *“foi muito pelo fascínio (...) Ver uma pessoa, um médico saindo do consultório dele ou chegando no consultório, num carro bom, isso contou muito também, ter uma vida melhor”*.

Foram três anos e meio de curso pré-vestibular em duas boas escolas, nas quais recebeu bolsas de estudo. No total, André prestou cerca de treze vestibulares. Assim que foi aprovado em Medicina, começou a trabalhar na escola na qual estudava como monitor. Também dá aulas particulares. Sente-se em vantagem em relação a outros jovens que não adquiriram a mesma experiência que ele. Gosta de ter uma renda própria e de seus pais não mais precisarem de lhe dar dinheiro.

Ao definir a aprovação no vestibular como desafio, um teste dos limites, André expressa que, além das questões financeiras, há um aspecto pessoal que busca atender. O *status* ao qual se refere está relacionado aos valores assumidos socialmente, à posição que almeja atingir na sociedade. Fica evidente em sua fala o desejo de ascensão social que está associado à conquista de uma posição profissional que lhe ofereça uma boa condição financeira.

2.4 “Meu pai sempre me incentivava”.

João é um jovem estudante do curso de Direito. Tem 22 anos e mora com sua família em um bairro na periferia de Goiânia. Seu pai é funcionário público federal, e a mãe, professora de Língua Portuguesa, aposentada. A residência da família foi quitada recentemente. Os pais de João sempre se preocuparam com a formação escolar dos filhos, apesar de terem estudado apenas até o nível médio, como assinala. *“A minha família, desde o princípio, deu muita prioridade ao estudo; apesar das condições serem bem difíceis, eles sempre priorizam o estudo... Meu pai sempre me incentivava, falava que se não fosse o estudo... Ele veio de família muito pobre...”*

A história do pai, que apenas com o nível médio de escolaridade conseguiu manter a família por conta do êxito obtido em um concurso para emprego federal, parece orientar a vida de João. De origem humilde, o valor do estudo e do trabalho está radicado nas relações dos pais com os filhos, tornando-se o eixo da educação familiar. Com 18 anos, assim que concluiu o nível médio, João também se inscreveu para um concurso federal e foi aprovado. Desde então, concilia o trabalho e estudo, procurando concluir sua formação escolar. O salário de João (cerca de três salários mínimos) é destinado apenas às suas necessidades, contribuindo pouco para a renda familiar, que, segundo ele, é de cerca de oito salários mínimos.

Até a quarta série, João estudou em uma escola particular que tinha convênio com o órgão em que seu pai trabalha. Da quinta série a oitava série estudou em uma escola conveniada com o governo estadual. No ensino médio, participou de uma seleção concorrida para um colégio público de bom nível, no qual foi aprovado, cursando lá o ensino médio. João relata:

O colégio tinha uma biblioteca imensa [...]. Eu lembro que no segundo ano, eu e alguns amigos meus, a gente discutia sobre Freud, sobre Jung. Imagina, no segundo ano. A gente não ficava preso às aulas em si [...] Quando ia ter uma prova [...], havia uma cooperação mútua de grande parte dos alunos. Isso ajudou bastante, porque eu acho que o principal problema da educação é porque as pessoas são mais passivas no processo de aprendizagem. Eu acho que é totalmente ao contrário, a pessoa tem que ser ativa.

No nível superior, João cursou por dois anos Farmácia, no entanto, concluiu que não era o que queria. Teve grande indecisão na escolha de sua formação superior. Atualmente cursando Direito, João afirma ter encontrado o que queria, “*por ser um curso da área de humanas, é um conhecimento de certa forma mais abrangente, com relação a cultura...*”

Para João, o seu trabalho atual não atende às suas expectativas, é apenas para manter-se. Procura na formação que abraçou recentemente (curso de Direito), atender à realização pessoal e profissional, apostando na possibilidade de assumir um trabalho que permita o seu crescimento permanentemente, aprendendo e superando-se sempre, e, ao mesmo tempo, que ele seja estável e com boa remuneração.

O tempo de João é escasso, por conta do estudo e do trabalho, mas a maior parte do seu tempo livre é destinado a atividades religiosas. Toda a família de João é espírita kardecista. João diz que a religião o auxilia bastante, “*senão geraria um vazio muito grande na minha vida*”. Fala de sua religião com entusiasmo, e os princípios religiosos são fundamentais em seu modo de ser: “*A doutrina espírita fala muito na questão de evolução,*

ser uma pessoa melhor profissionalmente, ser um pai melhor, um irmão melhor, um filho melhor, um cidadão melhor, ajudar as pessoas...”

O entendimento que João tem da religião que professa revela estreita relação dos valores próprios daquilo que acredita no campo da crença com sua forma de ser, pensar e agir. O rigor que seus pais empregaram em sua educação para que pudesse atender às exigências morais inerentes à religião que praticam foi interiorizado por João, que atualmente o aplica a si mesmo. Ele afirma: *“Eu sou uma pessoa que... eu acho que o objetivo da minha vida está em me superar, sempre eu busco isso, estar me superando”*.

2.5 “O meu pai contribuiu muito...”

Isa é uma jovem alegre, de 18 anos, aluna do curso de Direito. Mora com três primos em um bairro antigo de Goiânia. Isa nasceu em Goiânia e, por volta dos sete anos, mudou-se para o interior. Sua família reside em uma cidade de porte médio do interior do estado, que conta com escolas de nível superior. Seu pai, que era vendedor, e cursou Direito. Quando morava em Goiânia, sua mãe era merendeira. Realizou formação docente em nível superior, hoje é professora e cursa pós-graduação. Segundo Isa, sua mãe não para de estudar. Desde criança, Isa vê seus pais às voltas com os livros. Eles sempre deram muito valor ao estudo, o que ela diz ter aprendido com eles: *“O meu pai contribuiu muito. Meu pai, quando começou, foi muito difícil pra ele [...], ele começou o curso dele em 1998 e foi muito difícil, sabe? Minha mãe também, eu vejo que pra eles foi complicado [...]”*. Atualmente as coisas estão mais fáceis para a família de Isa. Ela não sabe ao certo o total da renda da família; para ela, é de cerca de dez salários mínimos. Conta que somente no ano de 2008 seu pai conseguiu se livrar do aluguel e comprar uma casa.

Isa diz que, desde criança, gostava de estudar, nunca tirou notas ruins na escola e sempre gostou muito de ler. Todo o empenho da família em relação ao estudo parece ter contribuído para o seu interesse para realizar curso superior. Isa começou a estudar em uma pequena escola particular. Depois de mudar-se de cidade, na segunda série, foi para a escola estadual e, em seguida, para uma conveniada, até que, na quinta série ingressou em uma boa escola pública da cidade onde mora sua família, e na qual ficou até terminar o ensino médio.

A escola pública em que Isa cursou o ensino médio é de referência na região onde mora. Reconhece que essa escola contribuiu muito para a sua formação. Ainda que os conteúdos do ensino médio não tenham sido trabalhados como era de se esperar, como

constatou ao entrar no cursinho preparatório, o processo pedagógico da escola possibilitou-lhe maior apreensão dos conhecimentos estudados. E, nesse sentido, percebe que a autonomia necessária para o estudo foi um bom resultado de sua vida escolar.

Isa fez curso preparatório para o vestibular durante um semestre, quando cursava o terceiro ano. Afirma que esses estudos não ajudaram muito em relação ao conteúdo, mas que foi bom para obter um melhor ritmo de estudo e acompanhar um pouco mais os vestibulares de outras cidades. Quanto à escolha pelo curso de Direito, justifica: *“Eu tinha facilidade com as matérias da área de Humanas. Tipo Sociologia, Filosofia, História e aí achei que ia gostar de trabalhar com isso. Também, acho que eu ficaria feliz se o meu trabalho ajudasse mais as pessoas.”*

Sente-se muito satisfeita com o curso que escolheu e diz que não está tendo nenhuma dificuldade com as disciplinas. O relacionamento com os colegas de sala é muito bom, mas Isa relata que sentiu grande diferença, assim que iniciou o curso:

eu sinto bastante a diferença, sabe? Às vezes, sinto a diferença na questão econômica, você percebe que, também, por exemplo, a maioria tem o pai rico, então tem mais meios de fazer um trabalho. Eu, por exemplo, tenho que pegar ônibus, eu não tenho quem me leva, pra eles é mais fácil a vida, assim, do que pra mim. Não são pessoas que te esnobam por causa disso, não. Mas você sente a diferença de pensamento, às vezes, de comportamento seu, você sente que é diferente.

Ainda que afirme não perceber nenhum tipo de segregação, ela própria constata que a sua condição de vida é diferente daquela que a maioria dos seus colegas possui. Não se trata, para ela, da questão de consumo ou da vida material apenas; percebe que as formas de pensar e agir também são diferentes. Ela diz: *“Às vezes, eles acham uma coisa muito barato e eu não acho. [...] a maioria já fez cinco anos o inglês. Aí, faz academia, teatro, faz um monte de coisa, ou já fez, já viajou para um país fora, já fez algo a mais que eu não tive oportunidade de fazer, ainda.”*

A fala de Isa reflete a realidade dos jovens que se encontram em um ambiente diferente daquele em que estão acostumados a viver. Por outro lado, Isa destaca algumas questões que observa sobre o seu desempenho e participação em sala de aula. Conforme já disse, a escola pública ajudou-a muito, ensinando-a a buscar o conhecimento por si mesma, minimizando a dependência dos professores. Nesse ponto, vê vantagens na sua formação em relação à de outros colegas provenientes de escolas particulares. Isa declara:

Às vezes, eu acho que na minha escola tinha o “espaço mais aberto” do que outras. Era mais crítica, era uma formação mais crítica. Menos conteudista do que a gente vê aí, as escolas particulares que só pensam em vestibular. [...] Eles [os colegas] são acostumados só com conteúdo, conteúdo, sabe? Não sabem argumentar. [...] Eles não estão acostumados a apresentar os trabalhos. [...] Parece que eles têm medo de perguntar as coisas.

A família de Isa é religiosa e frequenta a igreja presbiteriana e um dos lugares de que ela mais gosta de ir é a igreja. Assim ela explica a religião: “*Não sei, parece que ela dá mais sentido na vida, sabe? Parece que a vida é meio sem sentido. [...] Parece que o que eu faço tem uma justificativa maior, entendeu? Não fazer só pra mim, fazer pra Deus também*”. Os valores religiosos parecem ser referências fundamentais na sua socialização, o que a faz perceber o mundo segundo o critério determinado de dedicar a Deus todas as suas ações. A sua situação de classe, associada à filiação religiosa, parece fazer que Isa oriente sua vida com algumas restrições, embora não tenha citado nenhuma interdição da sua igreja. No entanto, a valorização do estudo e da família, bem como do trabalho que futuramente pretende realizar no campo profissional mesclam referências familiares e religiosas.

Fica evidente no relato de Isa que a família constitui uma das instâncias socializadoras mais eficazes na sua formação. Em relação aos valores sociais assumidos, como a família, o estudo e o trabalho, a escola e a religião foram esferas de constituição psíquica que concorreram para as formas de pensar e agir de Isa na atualidade.

Considerações finais

As entrevistas realizadas com cinco jovens permitiram discutir a inserção familiar em suas vidas, revelando a interiorização eficaz dos processos familiares que se dão a conhecer na tensão constitutiva das relações internas, em confronto com a realidade social. Esses jovens têm, em comum, particularidades referentes às posições ocupadas na estrutura social que consolidam determinadas condições familiares que lhes são constitutivas, por exemplo, as condições sócio-econômicas da família e o conjunto de princípios e valores que funcionam como orientadores da educação familiar. Suas trajetórias de vida, que remetem à transição entre a infância e a juventude – entendidas não como meras biografias, mas como percursos objetivos enraizados nas relações recíprocas entre instituições consideradas *relativamente fixas*, como a família, a escola e a igreja –, podem elucidar em que medida a esfera familiar concorre para a sua constituição (HORKHEIMER, 1990).

Pelo relato dos jovens, as relações intrafamiliares são de intensa afetividade, mesmo quando existem conflitos entre os membros. Apesar de certa *autonomia* conquistada pelos jovens e a importância de outras *esferas* de relacionamento que transitam, como o trabalho, a igreja, dentre outros, pôde-se observar, nas entrevistas, a

ambivalência de sentimentos que pautam os relatos, permitindo reconhecer a acentuada presença da família em suas vidas. Para os jovens, parece clara a posição institucional da família como um grupo articulado em torno de objetivos comuns. Não parece tratar-se de um direcionamento para as interações individuais que ocorrem no interior da família, pois o compromisso assumido com os filhos é empreendido no cotidiano familiar e, nessa perspectiva, envolve todo o grupo.

O desejo de superação dos seus próprios limites atende à *mensagem* familiar que foi interiorizada com sucesso. A ideologia do esforço pessoal, que leva ao resultado almejado, ainda que não se disponha condições objetivas para sua realização, norteia as ações dos jovens e de suas famílias. Assim, esses jovens frequentemente constituem modelos das possibilidades de sucesso dessa sociedade. Ainda que este estudo não permita generalizações, a análise efetuada mostra que, apesar das mudanças operadas, não se pode dizer que a família nuclear declinou por completo. Não significa, no entanto, que a família não se modificou. As acentuadas mudanças observadas nas famílias atuais revelam que elas não passaram incólumes pelas transformações sociais. No entanto, a inserção na vida dos jovens revela a interiorização eficaz dos processos familiares que se dão a conhecer na tensão constitutiva das relações internas em confronto com a realidade social. Pôde-se constatar que a família, apesar das dificuldades impostas pelas condições de uma sociedade mercantilizada, esforça-se por preservar o espaço afetivo e oferecer condições financeiras para oferecer aos filhos uma formação pessoal e profissional mais sólida.

Portanto, não se pôde perceber o arrefecimento da família na constituição dos jovens estudados. O estudo empírico realizado permite apreender a existência de um *locus* afetivo, distinto da realidade ordenada pela racionalidade instrumental, constituído pela família, que prevalece como referência na formação dos jovens, na perspectiva de uma individualização, mas que não se dissocia do sentimento de grupo familiar.

Referências

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- CANEZIN GUIMARÃES, Maria Tereza *et al.* *As referências simbólicas de jovens estudantes de um colégio militar*. Caxambu, Anped, 2003.
- CHAVES, Elza Guedes; QUEIROZ, Edna Mendonça O. de. *Retratos da juventude*. Goiânia: Verbo/Prefeitura de Goiânia, 2001.

- FONSECA, Celso. Jovem: geração família. *Brasileiros*, São Paulo, n. 5, nov. 2007.
- FREITAS, Maria Virgínia de (org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. 2005. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org>>. Acesso em: 15 jul. 2007.
- FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.
- HORHKEIMER, Max. Autoridade e família. In: HORHKEIMER, Max. *Teoria crítica: uma documentação*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- INSTITUTO CIDADANIA. *Juventude: cultura e cidadania*. 1999. Disponível em: <<http://www.fpa.org.br/>>. Acesso em 10 set. 2000.
- _____. *Perfil da juventude brasileira*. 2003. Disponível em: <<http://www.fpa.org.br/>>. Acesso em 15 ago. 2005.
- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- _____. *Refúgio num mundo sem coração*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. A construção da excelência escolar. Um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PAIS, José Machado; CAIRNS, David; PAPPÁMIKAIL, Lia. Jovens europeus: retrato da diversidade. *Tempo Social* (Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo), v. 17, n. 2, 2005.
- POCHMANN, Márcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.
- QUEIROZ, Edna Mendonça O. de. *Trabalho diurno/escolarização noturna: o cotidiano do jovem trabalhador*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Goiás (UCG), Goiânia.
- ROMANELLI, Geraldo. *Família de camadas médias: a trajetória da modernidade*. São Paulo, 1986. Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.
- _____. O significado da educação superior para duas gerações de famílias de camadas médias. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. v.76, n.184, set./dez. 1995.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2003.
- SPOSITO, Marília P. (org.). *O trabalhador-estudante: um perfil do aluno do curso superior noturno*. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Paulo M. (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.

THE PEW RESEARCH CENTER For The People & The Press. *A portrait of "generation next": how young people view their lives, futures and politics*. Jan.2007. Disponível em: <<http://www.people-press.org>>. Acesso em: 04 nov. 2007.